

A Soberania Lingüística na Língua Galega

Valentim Rodrigues Fagim

Autor de O Galego (im)possível, Laiovento.

Calculam-se em 10.000 as palabras francesas presentes no idioma inglés. Umha quantidade importante se só atendermos à historia recente. No entanto, no ano de 1066, Guilherme de Normandia, depois de vencer os anglo-saxons em Hastings, conquistava a Inglaterra. Este domínio prolongou-se durante séculos e durante este período as elites normandas tornárom-se em espelhos sociais onde as elites anglo-saxonicas e o comum das pessoas se contemplavam a tentar imitar as formas e usos dos vencedores, entre eles, a sua língua. Quando as elites normandas perdérom o seu estatuto e umhas outras nativas tomárom o seu lugar, o manancial que vertia palabras do outro lado do Canal da Mancha perdeu força. Hoje, como sabemos, é a língua francesa a que recebe, apesar das políticas institucionais contra, a irradiaçom da língua inglesa.

Os exemplos desta dinámica som numerosos e están a se concretizar a cada momento. O domínio de um território qualquer por umhas elites traduz-se, entre muitas outras cousas, numha

irradiaçom lingüística, ou se prefere, numha imitaçom do governado (ou dominado) relativamente ao governante (ou dominador) em aspectos que podem ir da roupa até os hábitos alimentares, passando, é claro, polo língua.

Umha viagem de um hispanófono para o Sul dos EUA ou para Porto-Rico, desvendara-lhe dados com só interagir com as gentes do lugar. Estas destilarám um código de língua com numerosos vocábulos ingleses o que evidenciará, se fazermos a análise pertinente ou se constata empiricamente, a existência de umhas elites nom-hispanófonas, de facto, anglófonas.

De tudo isto se deduz que da soberania de um território se segue umha concreta paisagem lingüística que se traduz na existência de umhas formas lingüísticas e nom outras.

Um pouco de história.

Na Idade Média a Cristandade estava cindida em numerosos graus de soberania, um(s) Papa(s), um(s) imperador(s), monarcas, condes, duques, bispados, etc. Neste quadro, o factor língua nom jogava qualquer papel fulcral na hora de elaborar estas unidades. O Sacro Império Germánico incluía populaçoms latinas, germánicas e eslavas, por citarmos apenas um exemplo revelador.

Num dado momento, no domínio da Latinidade, aconteceu que irradiando das cortes reais e nobilitares umha cultura em romance, nom em latim, começou a se desenvolver dando lugar a diferentes manifestaçoms literárias. Os códigos lingüísticos que dêrom suporte a estas nom fôrom escolhidos por acaso, e galego, siciliano, provençal e francês, numha primeira vaga trovadoresca, evidenciavam a existência de umhas elites concretas nuns determinados territórios.

No caso mesmo do galego estamos a falar de um código empregue por produtores culturais da faixa ocidental da Península assim como de alófonos. É apenas por isto que podemos e devemos falar de galego-português como umha variedade nascida da Idade Média, pola existência de um código compartilhado polas elites de um território que coincide, grosso modo, com o que hoje é a Comunidade Autónoma de Galicia (sic), territórios colaterais a esta bem como a República de Portugal, e que deu lugar a umha viçosa produção cultural.

Enquanto as elites presentes no Reino de Galiza ficárom galegófonas, as produções culturais estilizárom as falas galegas. No entanto, como sabemos, isto, na própria Idade Média, sofreu umha alteração vital para o história das falas galegas. Sucessivos episódios históricos traduziram-se na instalação de elites castelhanófonas na Galiza a ocupar lugares centrais, o que provocou que as elites galegófonas residentes, agora num lugar periférico, nom tardassem em imitá-las. Isto tivo, com certeza, consequências lingüísticas.

No terreno das produções culturais, a umha poesia galego-portuguesa seguiu umha outra galego-castelhana onde as formas galegas, segundo avançava o tempo, deixavam o seu lugar às pertinentes castelhanas até que nas últimas composições a presença mesmo de formas galegas era inapreciável. Nos textos dos escribas, igualmente, segundo a sua datação se aproxima de nós, a presença de castelhanismos palpaviliza-se. Sendo estes os espelhos, as falas populares, embora careçamos de etnograções que o constatem, seguirám o mesmo roteiro.

Este vai ser, de resto, o *statu quo* lingüístico até ao dia de hoje: a língua espanhola no centro e as falas galegas na periferia, reflexo do pertinente *statu quo* sócio-económico. Será, todavia, no último quartel do século XIX que assistimos às primeiras tentativas, embora seja de umha precariedade grande, de mudar o quadro. Já a partir de entom se desenham as que som, a meu ver, os três grandes corpos sociais e as três atitudes a este respeito: (1) os detentores do *statu quo*, com o espanhol no centro e o galego na periferia, (2) os que dizem pretender alterá-lo, e que a partir de já, denominarei de possibilistas e (3) os que vam à raiz e tentam construir radicalmente umha nova edificação soberana a

respeito da existente e dominante. Denominarei-os como regeneracionistas por ser esta palabra que empregam com assiduidade nos textos finiseculares de XIX.

Os três trechos que se seguem evidenciam cada unha das atitudes citadas naquela altura.

O primeiro é de E. Pardo Bazán, escritora galega em língua castelhana: "Los dialectos nos parecen interesantísimos: su literatura exhala un perfume fresco, agreste, virginal, delicioso, encántanos que vivan y se mantengan, y que de su tronco broten renuevos gallardos y variadas flores; pero no podemos fantasear ni soñar su predominio en la conversación y en las letras, porque esto sería tanto como desandar lo andado, dividir nuestro arte, nuestra ciencia y en fin nuestra pátria. Los dialectos varios, exclusivos, son el feudalismo; el idioma nacional es la unidad, fundamento y grandioso concepto del Estado moderno"ⁱ

O segundo é de Grilo Berzas, personagem ficcionada a falar com o Tio Marcos da Portela: "[...] Pois eu tamén quería que a nosa fala galega fose a mellor cada día. Mais dirame o TIO MARCOS ¿en que consiste ir á millor? dí O TIO MARCOS que fala o gallego enxebre, e eu preguntolle, ¿cal é o gallego enxebre? ¿qué razón me dá pra conocele?./ Eu creo que o Tio Marcos é un home que ven d'as provincias, e puxo os calzós y-a monteira gallegas, e facendo que ven loando os gallegos e a sua fala, ven facendo a rechífla d'íles: porque vexo que non fala como falan os gallegos, que ben falan, senon os que non saben falar, e ven usando palabras que xa non se usan n-a terra gallega. Ô TIO MARCOS preguntan todos:¿Il fala en portugués?« E caixe que ten razón. ¿A quen se lle ocorre chamarlle ôs lugares pobos, si solo lle chaman en Portugal? Chamarlle ás calles ruas, sabendo que hasta en Ourense, sinon o sitio, desapareceron ô menos os nombres d'a rua dá Obra.. [...] Eso fora de bo que n-a Galicia non tivesemos nombres propios para espresar os nosos pensamentos, sin ir mendigar [páx.3] o falar d-os forasteiros"ⁱⁱ

O terceiro está sob pseudónimo e diz: "Dicennos todos que el gallego y portugués ó el portugués y gallego, que tanto monta, son sino padre é hijo, hermanos, y que hubo un tiempo en que no se diferenciaban uno de otro. Siendo esto una verdad inconcusa, ¿á que perder el tiempo inútilmente en trabajos de gramática, ortografía y demás? Tenemos ya todo hecho. Portugal nos ahorra tiempo y estudios y nos ofrece hermosa y ancha vía por donde dirigir nuestros pasos. Ortófilo nos lo dijo en sus artículos que, si mal no recuerdo, titulaba, *El portugués es nuestra lengua*. También el instituto de Francia, si no me equivoco, al acusar recibo á la *Gramática Gallega* del malogrado Saco y Arce, le dió una desconsoladora contestación al elogiar su trabajo pero al decirle también que ya todo aquello era conocido por existir la *Gramática portuguesa*.

No nos cansemos ni malgastemos, pues, nuestras fuerzas. Aceptemos, como proponía Ortófilo, en todo lo posible el idioma portugués, sobre todo por ser los mismo sus orígenes y confundirse en ellos sus literaturas.

Dejémonos de gastos inútiles publicando antiguos cronicones y rebuscando en extinguidas fuentes nuevos manantiales con que reformar el caudal léxico de nuestro idioma. No es ese el camino pues al traer al gallego voces arcáicas no hacemos sino dificultar cada vez más su reconstrucción. Por ese medio haremos de él un idioma literario pero nunca el idioma de un pueblo.

Aceptemos los hechos tal cuales son y no vayamos reconstruyendo por diferente sendero un camino abierto yá. Gallegos y portugueses son lo mismo. La unidad española destruyó lo nuestro, mientras Portugal prosiguió su labor. De seguir unidos, Portugal y Galicia, hablaríamos todos la misma lengua. Aún hoy se confunden. ¿Por qué no tratar de unir lo que no debía haberse separado nunca? Eso es lo que nos conviene. Lo demás es malgastar el tiempo. Por el lado del egoísmo, sino queremos mirarlo por otros, también nos conviene. El mercado gallego y el mercado portugués tendrán mayor esfera de acción en el terreno literario. Nosotros siempre iremos ganando al asimilarnos una literatura superior á la castellana. También bajo el punto de vista histórico será conveniente porque la unificación

del idioma gallego con el portugués vendría a ser un lazo más para llegar a la realización del hermoso sueño de la unión de la península ibérica."ⁱⁱⁱ

Estas três atitudes tenhem-se prolongado até hoje e som as que desenharam o marco actual em torno à língua. A primeira é (segue a ser) a central. A segunda é periférica a respeito da anterior mas num quadro mais restrito, o dos os detentores da forma, identidade (e, indirectamente, função) da língua galega, ocupa um lugar central por razões que acho evidentes e tentarei evidenciar. Por fim, a última atitude recolhe umha periferização absoluta. Se gizáramos um círculo, cujo centro fosse Castelhano e cuja circunferência fosse Português, teríamos localizados a cada um dos agentes, do que resulta que para progredir para o centro fai falta desembaraçar-se do epíteto *Português* para abraçar, em inevitável correspondência, o epíteto *Espanhol*. O lugar do galego? É claro que este pode disfarçar-se de galego-castelhano ou de galego-português e será o seu disfarce o que assinale o seu utente, positiva ou negativamente. A epígrafe que se segue dialoga, precisamente, sobre esta dialéctica mas já agora no plano formal das unidades lingüísticas.

Os galegos

Um primeiro ponto que há que assinalar é que nom existe um único galego, ou melhor, codificações mais ou menos estáveis a respeito do que o galego é. Desenhando um outro círculo, teríamos, em função da sua maior/menor castelhanização, um centro ocupado polo galego institucional emanando da Junta e instituições dependentes em maior ou menor medida (leia-se o mundo cultural galego ou o ensino público), elaborado polo *ILGA* e carimbado por este e a *Real Academia Galega* no ano de 1983. Afastando-se, em maior ou menor medida segundo o escrevente, teríamos o conhecido como *Galego de mínimos* a emanar desde associações vinculadas ao nacionalismo galego, nomeadamente o *BNG*, isto é, *Ciga*, *AS-PG* ou *A Mesa pola Normalización Lingüística*. Na periferia estaria o conhecido como *Máximos reintegracionistas* ou *norma de Agal*, a emanar desde esta mesma organização e grupos sociais igualmente periféricos, entre os que podemos citar o partido político *Nós Unidade Popular*, a rádio livre *Rádio Kalimero*, o feminismo em *Mulheres Nacionalistas Galegas* ou a *Fundação Artábria* em Ferrol e em que está redigido este texto.

Ainda poderíamos acrescentar o emprego do padrom português ou o Acordo de Rio, institucionalmente empregue polas *Irmandades da Fala* ou o *Fórum de Amizade Galiza-Portugal* bem como, já individualmente, por certos sectores do anarquismo e do nacionalismo galego. Nom é difícil projectar este círculo sobre o anterior. De isto resulta que o galego, quanto mais castelhanizado, dá ao seu utente um lugar mais central.

De já, umha questom que se coloca é que é isso de castelhanizaçom, ou melhor, o que é um castelhanismo? Deveríamos começar indicando que de um óptica espanholista ou possibilista perceberám-se menos castelhanismos que de dumha óptica subvertedora do statu quo.

Ora, a variedade galega dispom de mecanismos detectores do quais carecem a maioria das variedades numha situaçom similar. Estou a falar dos escritos medievais (umha soberania cerceada) e da língua portuguesa (umha soberania sucedida). Se do espaço galego-português medieval foi apenas o meridional o que se desenvolveu soberanamente no que diz respeito ao espaço espanhol, em boa lógica, a variedade portuguesa será o melhor mecanismo para desvendar o que de espanhol há na variedade galega, de muito cedo inserida na espanhola.

Poderíamos começar pola ortografia. Três som as tradiçons gráficas da Península ibérica, a galego-portuguesa, a castelhana e a catalá, três som pois os guarda-chuvas gráficos a pairar sobre os e as habitantes ao sul dos Pirinéus. A este respeito, som conhecidos os argumentos que negam a galeguidade dos grafemas NH e LH. De umha análise curta, assim é, estes grafemas escasseiam nos textos medievais. De umha análise mais profunda (por certo, escassa) haveria que fazer-se a seguinte pergunta: porque no território galego se assentam as grafias emanantes de Toledo e nom as procedentes de Lisboa? A única resposta está na satelizaçom do espaço galego a respeito de Castela, quer dizer, a sua castelhanizaçom, o território galego começava a desligar-se de Portugal e a ligar-se a Castela, e nesta deriva, o triunfo dos grafemas toledanos venhem ser um magnífico sintoma.

Por tudo isto, quando se recupera um uso com certa amplitude do galego escrito, a única possibilidade é a ortografia espanhola, ainda, escrita e ortografia espanhola eram (som?) na altura sinónimos. Outro tanto se passava num outro contexto donde podemos tirar nom poucos ensinamentos. Giordan define assim o sistema gráfico usado polo "Rexurdimento" provençal: [...] caracteriza-se pola adopçom da quase totalidade dos grafemas do francês, tomados por umha notaçom fonética universal [...] A grafia mistraliana [tecida em torno ao prémio Nobel Mistral] registra assim umha dupla alienaçom: -Prática de umha escrita muito pouco diferente daquelas dialectais [patoisants], sem permitir afirmar frente ao francês a dignidade lingüística do occitano. Ainda mais grave, ela oculta a mesma tradiçom provençal: aquela dos textos anteriores ao século XVI^{iv}

De esta forma a ortografia galega nascia inserida no quadro espanhol embora nom pudesse ser outra a hipótese dada a fraqueza das suas elites, sendo um caso bem distinto, a este respeito, o do catalá, onde nunca se perdeu um uso continuado na escrita e onde as concreçoms espanholizantes na ortografia fõrom testemunhais (tanto como, antes de 36, as concreçoms gráficas nom espanholizantes no galego)

No aspecto gramatical e lexical o caminho encetado nom diverge. Neste campo, como no anterior, a norma elaborado polo ILGA limita-se a sancionar a precariedade do construto galego. O seguidismo quanto ao espanhol é amplo e limitarei-me a citar apenas alguns exemplos: 1) O reconhecimento do CH como um dígrafo, meses depois de que o decida a RAE, com o que fica, de jeito diáfano, como autoridade do galego. 2) O uso da letra U nas sequências GUE, GUI, fora de lugar se o G só servir para notar a oclusiva velar (como em "gato") 3) A elaboraçom do dicionário Xerais, dicionário referencial do galego ILGa, sobre um dicionário espanhol, o Anaya. 4) A pretensa demonstraçom científica de que a terminaçom -ción ou o topónimo Galicia nada tenhem a ver com a pressom da língua oficial (o castelhana). 5) A inexistência de umha política terminológica logo que se aceita a terminologia espanhola como própria. (Umha das máximas que poucos se atrevem a enumerar para o galego Ilga-Rag é que «O espanhol é galego»)

Quanto a este último ponto as comparações são odiosas mas também esclarecedoras. Frente ao catalão onde se chega a tentar popularizar, através de um Centro oficial de Terminologia, o Tercat, termos que substituam os anglicismos *software* e *hardware*, o galego ILGa, nas antípodas daquele, fica como um decalque do espanhol, reduzindo-se às mais das vezes, de haver mudanças, a alterar alguma letra, para não provocar estranhamento, quer dizer, para não se sair do marco de percepção espanhol. Eis exemplos:

Espanhol	Galego-Ilga	(Galego-)Português
Vestuario (Local)	Vestiário	Balneário
Cartelera	Carteleira	Cartaz
Soplete	Soprete	Maçarico
Paraguas	Paraugas	Guarda-chuvas
Delantero	Dianteiro	Avançado
Destornillador	Desparafusador	Chave de parafusos
Taladro eléctrico	Trade eléctrico	Berbequim eléctrico
Vaqueros	Vaqueiros	Calças de ganga
Cohete espacial	Foguete espacial	Foguetom/Foguetão
Puenting	?	Cabo elástico
Perrito caliente	?	Cachorro-quente

Longe de pretender afirmar que o galego Ilga-Rag carece de soberania pretendemos demonstrar que sim a tem, a do espanhol.

Trata-se, assim o afirmam eles, de fazer um galego que nom se afaste em excesso do galego popular mas este, fruto de umha história onde o único idioma oficial era o espanhol, está seriamente castelhanizado (por dizê-lo de algumha forma), e com este galego popular, vários séculos a funcionar como subvariedade do espanhol, é que se tenciona romper o assédio que a língua e cultura espanholas tecem sobre a galega relegando os utentes do galego-português à ilegalidade e ao português ao estrangeirismo, o que deixa irremissivelmente aos falantes de galego rodeados do cosmos espanhol. (Na verdade, a sancionar institucionalmente a história mesma da cidadania e a língua galega)

O porquê desta junção entre o espanholismo e o possibilismo tem as suas raízes a lume da terra. Umha vez que o espanholismo, o statu quo, ocupa o lugar central e umha vez que *por sí só* nom pode gerir a língua galega já que o galeguismo parece ter a suficiente força para boicotar esta acção (ao menos assim o cria há nada, hoje o duvido seriamente), ao espanholismo cumpre-lhe um aliado que, ao menos, compartilhe certas ideias-força. Com isto nom pretendemos afirmar que as pessoas que estejam atrás do galego Ilga-Rag pretendam enterrá-lo (diga-se ritualizá-lo), mas apenas que estão a colaborar, além de esta ser ou nom ser a sua intenção (eu acho que na maioria dos casos nom o é). Em minha opinião a ideia força que os junte é "o galego espontâneo" ou "galego popular". O galego-português, é claro, nom serve para os propósitos do statu quo já que aspira a subvertê-lo introduzindo um convidado, o português, que só se quer receber como embaixador, nunca como parceiro ou familiar.

A este respeito, os agentes na Galiza do espanholismo parecem tê-lo claro. Nom som pródigos em manifestações públicas ao respeito mas sim costumam transparentar o seu pensamento em momentos pontuais, de facto, quando se estão a produzir movimentações e a língua que nom falam se lhes pode escapar das mãos. Assim, o presidente Fraga Iribarne, no mesmo ano do Decreto Filgueira-Valverde que colocaria na podium normativo ao "ilguismo" em detrimento do que seriam os mínimos reintegracionistas afirmava: "el gallego hay que dejarlo como es, no inventarlo de nuevo, ni mucho menos si esta invención, no sólo no es filológica, sino también política". Isto deriva do facto de o galego

"desde la independencia de Portugal", ter pasado a tornar-se "la lengua popular de Galicia, conviviendo con el castellano en un bilingüismo que nunca ha creado problemas"^v Citava como autoridade a Ramon Lorenzo, membro do Ilga.

Por sua parte, o intelectual orgánico anti-nacionalista galego, Carlos Luis Rodríguez, tem-se manifestado várias vezes neste ponto. Por exemplo, quando Pilar García Negro, deputada do BNG, afirmava que o seu partido impulsaria um galego mais convergente com o português. Apenas um fragmento revelador: "Su fórmula (ao do BNG) es fabricar un gallego más convergente con el portugués, cuando de lo que se trata es de que el gallego converja con los gallegos que lo hablan hoy, o puedan llegar a hablarlo mañana si no se les complica la vida con normativas exóticas"^{vi}

A proposta Galiza, a lutar polo reconhecemento institucional do nome do país, provocou que o articulista de La Voz de Galicia, Lois Blanco, se estreasse com um artigo em galego onde sob o título de "Gallaecia xa ten nome" afirmava: "Claro que un comeza por gabarse de Galiza e acaba por facelo do RH"^{vii}.

Por fim, o acordo normativo entre o "ilguismo" e os "mínimos" que se traduzirá numha muita vaga descastelhanização do código institucional de língua, suscitará umha reacção desmesurada por parte do Alcalde da Corunha, Francisco Vázquez, insubmisso legal ao topónimo "A Coruña". O acordo responderia segundo o seu parecer a "una estrategia de nazificación de nuestro país". Os promotores serían grupos minoritarios que "están dentro de ese entramado batasunero que creó el BNG, con colectivos como AGAL, que pretenden usurpar lo que le corresponde a todos los gallegos". [Nom estaria de mais lembrar que Agal nem foi convidada às negociações]. Arremetia assim contra os lusistas "que están intentando imponer un gallego totalmente desvinculado del uso cotidiano" Por sua parte, a Conselharia de Educação era criticada por permitir "infracciones en la normativa por parte de muchos profesores que llevan a los niños a un desbarajuste mental tremendo, con imposición de las llamadas normas lusistas y la creación de un gallego inventado, que refleja esa nazificación a la que me refiero". Por fim, trataria-se na sua opiniom "de desvincular al gallego de sus raíces e ir hacia un lusismo inventado para marcar fronteras con la cultura común que tenemos desde hace siglos con el resto de España".^{viii}

A negativa da Rag a assinar o acordo promoveu intervenções na mesma linha que as anteriores. Apenas citarei uma acho que muito ilustrativa.

Cosntantino García, descrito na Voz de Galicia^x como " foi o impulsor e primeiro director do Instituto da Língua Galega e dirixe o Centro Ramón Piñeiro, dependente da Xunta. Sinalado como home de confianza do Goberno Galego" afirmava: "estou de acordo co manifestado, entre outros, por Manuel Fraga no sentido de que se está destruindo o galego. É unha mágoa. O que pretendía esa normativa era aportuguesa-la lingua e eu non quero falar portugués. Non lle vexo sentido a pór-lles nome en portugués ás letras *q* e *h* ou a eliminar voces como *entonces* e *anque*; ou amplia-la terminación *-za* a vocábulos como *graza* ou *licenza*, por poñer un exemplo" ou "Quen se atopa detrás de todo isto son os lusistas, en especial os do Parlamento autonómico como a nacionalista Pilar García Negro, que non buscan outra cousa que falemos portugués".^x Neste caso à autoridade citada quanto ao corpus do galego é Manuel Fraga, a quem todos e todas conhecemos polo que penso, sinceramente, ser dispensado mais qualquer comentário.

Conclusom

Umha das características de todo movimento de emergência lingüística é a procura de distância formal a respeito do seu referente de oposição, quer dizer, a língua sobre a que se constrói. A variedade que se pretende fazer nacional deve ser soberana a respeito da língua oficial e central, na verdade tam soberana como a própria nação que se está a construir. Na verdade, esta distância formal tem umha parte de procura consciente, de escolha entre formas concorrentes mas também umha outra de inércia, e é este um magnífico sintoma, que se consegue através de beber em fontes diferentes e refractárias à língua oficial. Estas fontes abrangem um leque a incluir nomeadamente: a) os registos populares, em especial aqueles menos deturpados, que se procurarão nas zonas mais isoladas e menos expostas à "modernidade", b) a literatura pretérita, sobretudo umha literatura medieval soberana (é o caso do ocitano, do guarani, do catalám...), c) umha co-variedade soberana, isto é, umha variedade que pode actuar e/ou actua como referente de reintegração e que tivo um decorrer histórico mais sucedido livre da hibridação que sofreu a própria variedade (caso do flamengo a respeito do neerlandês, do quebequês a respeito do francês, do chicano ao respeito do espanhol...)

Como sería cansativo colocar aquí exemplos internacionais no plano da morfo-sintaxe e que à maioría das lectoras chatearía, (na verdade a mim também) citemos apenas uns exemplos de distanciamento gráfico, com certeza, muito mais evidentes e até populares. Os exemplos que citarei visam mostrar como nada está eternamente estagnado e como a construçom nacional e a construçom lingüística, enfim, a soberania, están firmemente ligadas.

Podíamos começar sinalando o caso moldavo^{xi}. Moldávia era, após a Grande Guerra, um fragmento de romanidade em território soviético, seccionada de muitos pontos de vista da Roménia, o outro fragmento de romanidade inserida em território eslavo. Durante o domínio soviético registou-se desde o poder umha política planificada de isolacionismo lingüístico e nacional a respeito de Roménia e da co-variedade soberana, o romeno. Dous anos antes da independência, alcançada em 1991, instaura-se a grafia latina e, implicitamente, a unidade lingüística, (que nom a política). Mais umha aspecto interessante do caso moldavo é que nunca até entom se generalizara a ortografia latina. Aquilo era umha novidade, novidade que alguns podem ler sob "umha traiçom ao povo e aos precursores" e outros lerám, leremos como a obtençom da soberania da língua moldava face ao russo, o seu referente de oposiçom sobre o terreno, e levando isto a um plano social, realmente o plano central, a vitória das elites romenófonas sobre as elites russófonas.^{xii}

Por sua parte, o espaço ocitano/provençal apresentará um prémio Nobel, Mistral, a empregar umha ortografia francesa. Será tal a sua autoridade post-mortem que durante muito tempo qualquer tentativa de desafrancesar a ortografia ocitana seria vista como sacrílega e condenava o herege ao ostracismo. Este lastro será revertido com doses de sucesso a partir da segunda metade do s. XX. Na actualidade, as pessoas e instituiçoms que ainda empregam a ortografia francesa, circunscritas quase todas à Provença apresentam, com as pertinentes excepçoms, um quadro de regionalismo político e cultural longe de qualquer procura de soberania real a respeito da França e do francês.

No espaço galego a instucionalizaçom do galego por umhas elites de marcado cariz possibilista, traduziu-se na institucionalizaçom do próprio possibilismo. Seria injusto reconhecer que nom podia, dada relaçom e forças, ser doutro jeito. Talvez a maior valentia e a maior clarividência seja reconhecer a nossa precariedade, e nom fazermos, como é o normal até hoje, vitórias pírricas do que

está a ser a institucionalización da dialectalización da lingua galega a respeito da espanhola. Tenhamos o registo de lingua que tivermos este vai ser o fruto da forza da construción nacional galega. A negativa da Rag a aceptar as propostas de certos grupos galeguizadores apesar do senhoreamento da ortografía española na proposta rechaçada é un capítulo insucedido da historia que confío servisse aos bons e generosos para alcanzar mais clarividencia. Confío igualmente en eu ter sido nítido e en ter colocado algun cuestionamento nas persoas que me lêem. Afinal, apenas quería deixar clara unha cuestión: a lingua é un ente social, analisemo-lo pois como tal, indagando que grupos sociais están detrás, que lugar ocupa en dada sociedade e quais as suas funcións.

Nota: Publicado em *Análise Empresarial* 32, 2002

ⁱ O texto completo aparece em Hermida Guliás, C., *A reivindicación da lingua galega no rexurdimento (1840-1891) Escolma de textos*, Santiago, 1992, Consello da Cultura Galega.

ⁱⁱ *Ibidem*

ⁱⁱⁱ OTRO FERNÁNDEZ, *Los orígenes del gallego [sección Campo neutral]*, in *Revista Gallega*, 47, 2-2-1896, pag. 2-3, Corunha.

^{iv} Giordan, Henri, *L'enseignement de l'occitan*, Paris, 1975, Langue française (ed. Larousse) [25, 84-101]

^v La Voz de Galicia, 29 de Junho de 1983, p.15. Tomado de Gil Hernández, A. (1996), *Silencio Ergueito*, Sada, Edicións do Castro.

^{vi} El Correo Gallego, *Metalingüística*, 14 de Janeiro de 2000, p. 2.

^{vii} La Voz de Galicia, *"Gallaecia" xa ten un nome*, 25 de Julho de 2001, p. 6.

^{viii} <http://www.elcorreogallego.es/periodico/20010908/cultura-sociedad/n57570.asp> ou El Correo Gallego, 8 de Setembro de 2001.

^{ix} La Voz de Galicia, *Tódolos membros da Real Academia Galega*, 29 de Novembro de 2001, p. 31.

^x O Correo Galego, *Unha Academia para o século XXI, entrevista con Constantino García*, 19 de Dezembro de 2001, p.4.

^{xi} É altamente recomendável a este respecto, King, Charles, *The Moldavans, Romania, Russia, and the Politics of Culture*, Stanfor, 1999, Hoover Institution Press. Um amplo resumo da obra pode ser consultado em *Agália* 63/64 editada pola Asociación Galega da Língua.

^{xii} Nom é de estranhar, assim, que no território do Dniester, de facto independente e velado pola Rússia, os textos moldavos devam ser redigidos obrigatoriamente com a ortografía cirílica russa.